

## RESENHA

[QUAGLIO, Humberto Araújo. *Fenomenologia da experiência religiosa em Kierkegaard e Rudolph Otto*. São Paulo: LiberArs, 2014, 127p. ISBN 978-85-64783-28-7]

“A experiência religiosa cristã entre o instante sagrado e o paradoxo numinoso:  
S. Kierkegaard, R. Otto e a Ciência da Religião”

Matheus Landau de Carvalho<sup>1</sup>

Publicado pela Editora LiberArs em 2014, *Fenomenologia da experiência religiosa em Kierkegaard e Rudolph Otto* é uma obra do filósofo, historiador e cientista da religião Humberto Araújo Quaglio que mantém ao longo de seus quatro capítulos um diálogo implícito não apenas entre filosofia e religião, mas também entre os legados do pensamento grego e da tradição judaico-cristã. Ao lançar mão de fontes religiosas, filosóficas, psicológicas e históricas em português, inglês, alemão e italiano, o livro tem como objetivo investigar se há no pensamento do filósofo dinamarquês de Copenhague, Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), a partir da leitura de uma obra sua, as *Migalhas Filosóficas*, alguma ideia que possa se identificar com experiência religiosa, analisando esta ideia sob a perspectiva do instrumental teórico do teólogo alemão de Marburg, Rudolph Otto (1869-1937).

Humberto inicia o primeiro capítulo (*Possibilidade de compreensão do instante kierkegaardiano sob a perspectiva de Otto*) apontando para as dificuldades de se abordar a experiência religiosa tanto do ponto de vista da explicação objetiva quanto da perspectiva de descrição subjetiva, discutindo, além disso, o critério proposto por Otto na classificação da natureza de uma experiência como religiosa ou não, assim como dos limites teóricos e práticos de sua proposição. O autor dedica-se a constatar por que o “instante kierkegaardiano” (*Øieblikket*) é não apenas uma experiência, mas também uma experiência de natureza religiosa a partir da análise das próprias *Migalhas Filosóficas*—publicadas por Kierkegaard sob o pseudônimo de Johannes Climacus—, assim como do diálogo com a obra *The Varieties of Religious Experience*, de William James. A localização cultural de Kierkegaard

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Especialista – 2010 – e Mestre – 2013 – pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), pela mesma Universidade. [matheuscarvalho@ig.com.br](mailto:matheuscarvalho@ig.com.br)

como um pensador luterano da religião é ressaltada por Humberto para a compreensão da experiência do “instante sagrado” como uma experiência religiosa de maneira específica em *Migalhas Filosóficas*.

No ensejo de identificar as características que aproximam Otto e Kierkegaard em suas pertencas culturais ao ocidente, ao cristianismo e ao luteranismo, Humberto aponta para a dificuldade de se categorizar Kierkegaard como um pensador cristão, assim como para as polêmicas em torno de um etnocentrismo no esforço de uma pretensão à universalidade no projeto de Otto. O autor enxerga na percepção de um núcleo a-racional que se constitua em experiência que precede a moralização e a intelecção da fé na religião cristã por parte do teólogo de Marburg e do filósofo de Copenhague uma possibilidade de estudo comparativo que encontra no aspecto da harmonia de contrastes seu ponto de interseção, ilustrados pelo paradoxo no instante religioso em Kierkegaard e pelos aspectos aterrador e fascinante do numinoso em Otto. Humberto aponta para a significância da experiência religiosa experimentada por Kierkegaard e Otto para a investigação fenomenológica desta categoria de experiência considerada nos limites da exterioridade de uma cultura religiosa institucionalizada e da interioridade psíquica da sensação subjetiva do indivíduo religioso.

Com o objetivo de captar o pensamento de Otto na medida em que suas ideias sirvam como ferramenta de análise da experiência religiosa em Kierkegaard, Humberto inicia o segundo capítulo (*Otto e sua fenomenologia da experiência religiosa*) discutindo a maneira pela qual e em quais dimensões a vida e a obra de Otto dialogam com pensadores como Immanuel Kant, Edmund Husserl, Jakob Friedrich Fries e Friedrich Schleiermacher. O autor apresenta os limites metodológicos de aplicação dos conceitos de *epoché* e “redução eidética” observados nas obras de Otto, além do modo como o teólogo de Marburg defende a validade e a verdade do objeto da religião segundo a maneira pela qual ele compreende os princípios de necessidade e causalidade.

Humberto ressalta a preocupação de Otto em compreender a religião em seus próprios termos sem derivá-la de outras áreas do conhecimento humano, renunciando a diretrizes exógenas para captar sua realidade. O autor discorre sobre como Otto delimita o que denomina de *Ahnung* enquanto uma habilidade especial da mente humana, uma forma de apreensão intuitiva, a-racional e imediata para além de uma apreensão por meio de conceitos ou intelecção racional.

Quaglio preocupa-se com a maneira pela qual Otto enxerga o sagrado enquanto uma categoria composta ao compreender cada religião, sem deixar o cristianismo como sua referência privilegiada, segundo uma dinâmica intrínseca entre conceitos racionais

institucionalizados e experiências individuais a-rationais, destacando, inclusive, o ponto de vista crítico de Otto sobre a filosofia de Kant para tal. Além disso, o autor discorre sobre o método que Otto denomina de esquematização, e também como o teólogo alemão situa o que denomina de “faculdade de divinação” entre a intuição subjetiva e o julgamento lógico enquanto instrumento de reconhecimento do sagrado na interioridade do sujeito. Por fim, com relação à questão da pessoalidade ou da impessoalidade do numinoso, Humberto apresenta os três sentidos conferidos por Otto ao termo, ou seja, como a própria categoria do sagrado, como princípio de adjetivação de determinado estado psíquico, e como índice de nomeação do objeto da religião.

O autor inicia o terceiro capítulo (*Kierkegaard e sua criptofenomenologia da experiência religiosa*) destacando de que maneira Otto e Kierkegaard se distanciam, um do outro, em seus respectivos estilos literários e na explicação – ou não – dos problemas que querem abordar, principalmente no que tange à experiência religiosa, apesar da religião ser o eixo *par excellence* em ambos os pensamentos. Humberto reafirma a aproximação com a fenomenologia na compreensão de experiência religiosa em Kierkegaard, provavelmente encerrada de modo cifrado na expressão *Øieblikket*, o “instante kierkegaardiano”. A partir do critério de classificação dos livros de Kierkegaard em obras edificantes e obras pseudonímicas, Quaglio se posiciona sobre o perfil psicológico do dinamarquês, principalmente a partir da observação dos aspectos religiosos como denominador comum de todos os seus escritos, e da função da ironia na exposição indireta de informação através de seus pseudônimos.

O autor se preocupa em situar a presença de uma fenomenologia implícita e subjacente nas obras pseudonímicas de Kierkegaard entre um discurso crítico dirigido à influência da tradição acadêmica de Gerardus van der Leeuw na Ciência da Religião, e o reconhecimento técnico de um exercício criptofenomenológico por parte do filósofo de Copenhague. Humberto preocupa-se com o modo pelo qual se dá a relação entre o exercício de renúncia de juízo de valor da *epoché*, o perfil psicológico e estilístico de cada pseudônimo kierkegaardiano, e o tipo peculiar de distanciamento metodológico que o escritor realiza dos problemas abordados por seus próprios pseudônimos. Em seguida, o autor procura dimensionar a intensidade da *epoché* e a natureza privilegiadamente fenomenológica do pensamento de Kierkegaard sob o pseudônimo de Johannes Climacus. Por fim, Humberto lança mão de alguns pseudônimos de Kierkegaard para dissertar sobre a maneira pela qual o dinamarquês, em sintonia com as noções de pecado e “vertigem da liberdade”, compreende as

presenças da angústia e do desespero no sujeito que é o resultado de uma síntese de aspectos ontológicos e vive a experiência religiosa da recepção da verdade no “instante” (*Øieblikket*).

No início do quarto capítulo (*O instante sagrado e o paradoxo numinoso*), o autor dedica-se a demonstrar a sacralidade e as temporalidades circunscritas à natureza do “instante” em Kierkegaard, e de que modo este conceito, ao lado do paradoxo kierkegaardiano, guarda uma íntima afinidade com os elementos numinoso e a-racional trabalhados por Otto na exigência intrínseca que mantêm de um critério de separação e distinção de determinadas dimensões.

Ao adentrar mais específica e diretamente na questão da experiência religiosa em *Migalhas Filosóficas*, Humberto parte de perguntas presentes na própria obra sobre consciência eterna, felicidade eterna e saber histórico para discorrer sobre as diferenças categóricas entre verdades contingentes e verdades necessárias, assim como para estabelecer diferenças metodológicas entre os modelos socrático e cristão para investigação da possibilidade de se conhecer a verdade. A partir disso, o autor discorre sobre os limites da razão na relação que Kierkegaard estabelece entre o paradoxo e a felicidade eterna, faz uma breve digressão técnica sobre os termos “irracional” e “não-racional”, e explora a relação existente do paradoxo absoluto em Kierkegaard e do numinoso em Otto com as dimensões de eternidade e história temporal.

Humberto analisa não apenas como o filósofo dinamarquês e o teólogo alemão se aproximam na identificação dos tipos de reações psicológicas ao choque vivido pelo sujeito diante do “Absoluto-Diferente” ou “Totalmente Outro”, mas também como as concepções de “condição” (ou fé) em Kierkegaard, através de Climacus, e *sensusnuminis* (ou *Ahnung*) em Otto, divergem entre si em questões de imanência e revelação de capacidades religiosas do ser humano. O autor discute como os modelos de mestre, i. e. o cristão e o socrático, se definem metodologicamente pela indução ou pela revelação da verdade, assim como a maneira pela qual Kierkegaard, enquanto Climacus, relaciona o que denomina “discípulo de segunda mão” com diferentes perspectivas de contemporaneidade segundo a verdade revelada pelo mestre cristão, Jesus de Nazaré, no “instante”. Em seguida, Humberto procura demonstrar por que os conceitos de “ocasião” em Kierkegaard e “esquema” em Otto são análogos, e como estes pensadores claramente divergem no grau de entusiasmo com relação à tradição cristã como um todo, inclusive no que diz respeito a uma propedêutica da instituição para a experiência religiosa de recebimento da verdade no “instante”. O autor também explica por que, no pensamento de Kierkegaard, o paradoxo engloba em si mesmo o “esquema” e o “numinoso”, segundo a ótica ottoniana.

A partir da distinção que Otto faz entre os Evangelhos sinóticos e o Evangelho de João, Humberto discorre sobre a possibilidade da coincidência entre mestre e mensageiro na figura de Jesus, de modo que o nazareno seja, simultaneamente, sujeito da verdade da qual é o objeto de conhecimento na experiência religiosa cristã. Após constatar como Kierkegaard, através de Johannes Climacus, identifica o paradoxo numinoso e o instante sagrado com o próprio Jesus de Nazaré, o autor conclui que o paradoxo absoluto kierkegaardiano, que é o próprio nazareno, é a expressão superlativa do numinoso de Otto, e que o recebimento da verdade pelo discípulo no instante é uma experiência religiosa que se adequaria perfeitamente à categoria ottoniana de sagrado.

No início da Conclusão o autor expressa sua preocupação com a significância do recorte teórico-metodológico por ele estabelecido no livro para a questão da experiência religiosa na Ciência da Religião. Humberto também aponta para desdobramentos filosóficos e psicológicos expressos nas dimensões de temporalidade, individualidade e gnosiologia circunscritos à experiência religiosa, abordando a questão de como situar a natureza fenomenológica de uma pesquisa entre a afirmação nominal de uma tradição acadêmica estabelecida por Edmund Husserl, Gerardus van der Leeuw e outros, e as contribuições de um exercício metodológico que lhe seja externo mas que reflita eficientemente seus pressupostos pragmáticos. Humberto destaca a polivalência dialogal do pensamento de Kierkegaard tanto com a filosofia quanto com a teologia ocidentais, independentemente do contexto histórico em questão. O autor aponta para a maneira pela qual os pensamentos de Otto e Kierkegaard realçam peculiaridades do cristianismo concernentes à dinâmica que as naturezas humana e divina atribuídas a Jesus de Nazaré sustentam com noções de temporalidade.

Apesar do estilo fluido, limpo e claro do texto de Humberto Quaglio, num esforço bem sucedido de expressar ideias complexas com clareza, o livro carece de uma descrição conjugada da estrutura interna e dos objetivos das principais obras trabalhadas, i. e. *Migalhas Filosóficas* e *O Sagrado*, prejudicando, um pouco, uma compreensão mais plena dos conceitos e argumentos em tela por parte de leitores não inseridos tematicamente e metodologicamente no âmbito da fenomenologia da religião. Apesar disso, o autor demonstra, ao longo de sua obra, uma considerável consciência intelectual não apenas dos limites de aplicação epistemológica dos conceitos que aborda, mas também dos limites confessionais cristãos que sua pesquisa reflete, malgrado sua perspectiva explícita de contribuição para a Ciência da Religião, principalmente através da experiência religiosa, assim como para o pensamento sobre a religião em geral.

Ao realizar uma espécie de “anatomia intelectual” dos pensamentos de Otto e Kierkegaard naquilo que é imprescindível à metodologia e ao objeto da obra, Humberto Quagliofaz jus à percepção do prefaciador do livro, o Prof. Dr. Jonas Ross, de que o autor demonstrou compreender que na filosofia quem vai devagar chega antes, principalmente na inteligência e na paciência com os conceitos demonstrados por seu argumentar lento e propedeuticamente cadenciado. Humberto transita bem por vetores lógico-rationais e linguístico-semânticos não apenas para compreender as ideias do teólogo de Copenhague e do filósofo de Marburg, como também para articular seus argumentos com vistas à identificação de alguma ideia com experiência religiosa, em *Migalhas Filosóficas*, dentro das diretrizes metodológicas da fenomenologia da religião.